



## **Práticas jornalísticas em sites noticiosos no interior de Rondônia<sup>1</sup>**

Daiani Ludmila BARTH<sup>2</sup>

Fundação Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

### **Resumo**

Este artigo pretende refletir sobre questões teóricas no que tange ao jornalismo praticado na internet, a comunicação na cibercultura e imaginários sociais. Para isso, orienta-se em dados preliminares de pesquisa em andamento, a qual realiza o mapeamento e caracterização de sites na internet que oferecem sentidos e conteúdos destinados ao público de leitores de Vilhena (RO) e região. Dados preliminares demonstram que o jornalismo praticado nesses sites caracteriza-se, na prática, de maneira descontextualizada ou inexistente, o que corrobora em lacunas informacionais no cotidiano e na função social que a internet, como mídia, deveria preencher.

**Palavras-chave:** comunicação na cibercultura; imaginário social; jornalismo online.

### **Introdução**

Este artigo é resultado de pesquisa recentemente iniciada, onde o foco principal é o mapeamento de sites na internet que oferecem sentidos e conteúdos destinados ao público de leitores de Vilhena e região. A ideia é identificar como se estruturam e se apresentam esses sites, na busca pela análise de conteúdo dos mesmos. Ainda, posteriormente, está prevista a realização de entrevistas com as pessoas responsáveis pela sua administração e provimento de conteúdo.

Importante constar o caráter de ineditismo em investigações científicas envolvendo temas tais como os que aqui são discutidos tais como processos midiáticos, jornalismo praticado na internet, cibercultura e imaginário social na região Norte do país.

Sites de notícias específicas do município em questão, estendendo-se a informações regionais, confluem para um fenômeno que causa interesse, no que até então tem sido estudado acerca do jornalismo em interface com a internet. A partir da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos (RS) e autora da pesquisa em andamento intitulada: “O fenômeno de sites noticiosos em Vilhena: Interfaces, usos da internet e o imaginário do produtor/leitor”, da qual resulta este artigo. É professora assistente no Departamento de Jornalismo (Dejor) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: daiani.barth@gmail.com



relação entre a questão de usos da internet, interfaces e a própria cibercultura, envolvendo vínculos com o conceito de imaginário, são possíveis algumas reflexões visto o fenômeno de sites noticiosos no município de Vilhena (RO).

### **Reflexões sobre mídia (ou media), imaginários e internet**

Imaginário remete ao verbo imaginar. Lembra palavras derivadas tais como imaginação, imaginativo... que também estão conectadas a sonho, utopia, ilusão. Além disso, compreende o mundo sensitivo, abstrato e delicado das imagens, das construções simbólicas realizadas na mente humana, tanto no universo do semantismo (DURAND, 1997) como até a própria ideia da sociedade como instituição (CASTORIADIS, 1995).

Humano remete a social. A sua ligação com a palavra imaginário é o que Taylor (2006, p.37) entende como “la concepción colectiva que hace posibles las prácticas comunes y un sentimiento ampliamente compartido de legitimidad”. Imaginário social seria, sob essa perspectiva, um modo de imaginar a existência, de prever e planejar circunstâncias, ainda, de criar expectativas em torno de algo a ser vivenciado.

Dessa forma, não seria incomum relacionar a grande rede de transmissão e acesso, que é compreendida, não por acaso, pela sua relação com a ideia de virtualidade, com imaginário social. Incorporado a essa questão, importa lembrar que os campos da cultura e da comunicação, entendidos como formadores dos imaginários sociais, constituem-se, em virtude disso, como os protagonistas das relações de poder da contemporaneidade (BARBALHO; FREITAS; MATTOS, 2009, p. 125).

Mesmo que o espaço informacional das redes telemáticas esteja ancorado à materialidade de suas redes, é necessário que se recorra ao significado desse aspecto imaginativo estimulado pela sociedade midiática no ciberespaço. Para Trivinho (2001, p.67, grifo do autor), o contexto de acesso ao “*cyberspace* é o sintoma exponencial de um acoplamento ainda mais significativo, mais visceral, por assim dizer, o acoplamento simbólico e imaginário, verdadeira indexação pós-industrializada das singularidades pessoais”.

A própria cultura, termo que foi adaptado para fazer emergir cibercultura, também pertence ao mundo do simbolismo, da criação, das imagens, do universo de relações da mente humana e das relações sociais estabelecidas e negociadas. Com o desenvolvimento de diferentes tecnologias de comunicação e informação, entra em cena um conceito que faz a ligação entre os entendimentos sobre o mundo do ciberespaço e o



mundo das representações culturais. A cibercultura, portanto, engloba as investigações que vêm sendo realizadas nesse contexto:

Vivemos uma nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias digitais-telemáticas onde o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, criando espaços de fluxos, redes planetárias pulsando em tempo real, em caminho para a desmaterialização dos espaços de lugar. Assim, na Cibercultura podemos estar aqui e agir à distância. A forma técnica da Cibercultura permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo. (LEMOS, 2003, p.14).

E o entendimento da internet como algo virtual, da ordem da imaginação, concebe-se nessa forma recorrente durante o auge da chamada “web 2.0”, plena em seu caráter colaborativo pela qual também, todavia, conteúdo profissional e conteúdo amador competem no mesmo nível. Dessa forma, questões como os recursos da interface de sites, a maneira como as informações estão disponibilizadas, assim como cores, links, títulos, fotografias além da análise dos textos apresentados, são pertinentes e dão pistas concretas de como as informações são processadas e disponibilizadas nos mais variados sites e blogs de notícias, especificamente nesta proposta, os sites estudados durante a pesquisa em andamento<sup>3</sup>. Nesse sentido, é importante lembrar a definição de Johnson:

Mas, afinal, que é exatamente uma interface? Em seu sentido mais simples, a palavra se refere a softwares que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tomando uma sensível para a outra. (2001, p. 17)

Na complementação dessa concepção, Negroponte destaca também que “a história dos esforços para tornar as máquinas mais manejáveis é quase toda dominada pela busca do aperfeiçoamento do contato sensorial e do desenvolvimento de desenhos fisicamente mais práticos”. (1995, p. 91)

Apesar de parecer consenso geral de que a internet é um espaço onde se concretizam processos midiáticos, faz-se necessário considerar, ainda, que essa significação pode ser delineada de outra maneira, de acordo com o produto, ou melhor, nesta proposta de estudo, o site que se classifica como “midiático” e até que ponto é possível considerá-lo dessa forma, lembrando que a própria internet é questionada como meio de comunicação. (DRUETTA, 2009)

---

<sup>3</sup> Os sites referidos serão apresentados posteriormente.



Quando se trata do próprio eu, as pessoas se apóiam em construções de sentido que são rearranjadas ao longo do tempo. Ao iniciar uma reflexão sobre o termo mídia, ou como preferem outros autores, media (MARCONDES FILHO, 2011), lembrando que o termo mídia teria sido criado pelos brasileiros e traduzido erroneamente, é possível a associação com tudo que é considerado “meios de comunicação de massa”, institucionalizados em diferentes dispositivos comunicacionais e midiáticos: jornais, revistas, rádio, televisão, que por sua vez resultam em diversos formatos (reportagens, boletins, noticiários) e gêneros (programas de entretenimento, telenovelas).

A mídia ou *media*, teria um papel importante ao eleger, por exemplo, minimamente, os assuntos do cotidiano que devem receber atenção de “sua” audiência. Ao noticiar um fato sobressaindo sobre outro, ao realizar questionamentos na sociedade sobre os mais diferentes assuntos, podemos reconhecer, segundo Mata:

[...] la centralidad que fueron adquiriendo los medios masivos de comunicación en la vida cotidiana como fuentes de la información y entretenimiento, como fuentes de la construcción de imaginarios colectivos entendidos como espacios identitarios nacionales, epocales, generacionales. (1999, p.82-83)

A possibilidade de espetacularização da vida (DEBORD, 1967; BAUDRILLARD, 1991), esse “poder” de selecionar fatos do cotidiano que possam ter valor noticioso, e isso quer dizer receber visibilidade em uma sociedade de massa, que teria “perdido” seus laços de intimidade, de interação social e teria plena necessidade de informação, é algo que se constituiria, então, em uma cultura midiática ou ainda, em processos de mediação da sociedade:

La cultura mediática (...) constituiria, en cambio, un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios. En esse sentido, la mediación de la sociedad – la cultura mediática – nos plantea la necesidad de reconocer que es el proceso colectivo de producción de significados a través del cual un orden social se comprende, se comunica, se reproduce y se transforma [...]. (MATA, 1999, p. 84-85)

Isto posto, reflexões e questionamentos sobre as intenções e conteúdos de sites com propostas de informar a população local vêm à tona. E também os sentidos ofertados por esses sites. É possível, portanto, existir essa concepção de cultura midiática no contexto de Vilhena?



## Contextualização dos sites a serem estudados

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Rondoniense de Pesquisa e Estatística (IRPE)<sup>4</sup>, a internet figura como principal fonte de notícias locais para 20,3% da população vilhenense. O levantamento, sendo de todo superficial, explicitamente voltado ao marketing, não divulgou especificamente quantas pessoas foram entrevistadas, apenas que 1.200 casas foram visitadas em seis setores da cidade. De qualquer forma, sugere uma configuração interessante de acesso à internet na busca de notícias locais.

E não deixa de ser interessante, ainda, o desenvolvimento e o número de sites voltados a notícias locais em Vilhena, cidade de porte médio que, de acordo com o Censo 2010, conta com 76.187 habitantes (IBGE, 2010). Em análise prévia realizada, foram encontrados, até o momento, oito (8) sites que se intitulam fornecedores exclusivos de notícias do município e região. São eles: Extra de Rondônia<sup>5</sup>, Vilhena Hoje<sup>6</sup>, Vilhena Agora<sup>7</sup>, Vilhena Notícias<sup>8</sup>, Correio de Notícias<sup>9</sup>, Folha do Sul<sup>10</sup> e Folha de Vilhena<sup>11</sup>, sendo que os três últimos também dispõem de jornal impresso com circulação semanal na cidade.

Fundamental lembrar que estudos sobre o acesso a internet mostram as dificuldades a serem transpostas no país, onde, de acordo com Fragozo; Maldonado: “A grandiosidade dos números absolutos relativos ao Brasil faz com que o país frequentemente figure entre as nações mais ricas do mundo quando se listam em valores absolutos os indicadores de acesso e utilização da internet” (2009, p. 20). Na prática, o país figura com números elevados de usuários online, entretanto, segundo os mesmos

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis no texto intitulado “Quem faz a mídia em Vilhena”. Disponível em: <[http://www.irpe-ro.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=76&Itemid=1](http://www.irpe-ro.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=76&Itemid=1)>. Acesso em : 03 fevereiro 2011.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.extraderondonia.com.br/>

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.vilhenahoje.com.br/>

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.vilhenaagora.com.br/>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.vilhenanoticias.com.br/>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.correiodenoticias.net/novosite/default.asp>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.folhadosulonline.com.br/2011/index-antiga.php>

<sup>11</sup> Disponível em: <http://folhadevilhena.com.br/news2011/>



autores, estudos realizados pelo Miniwatts Marketing Group apontam que apenas 22,4% dos brasileiros tinham acesso doméstico à internet em 2008.

Além disso, segundo União Internacional de Telecomunicações, agência da ONU para questões de comunicação e tecnologia, as conexões de banda larga, fundamentais para aproveitar as possibilidades multimídia da internet, são um problema grave no país, onde a estimativa é de que apenas 5,26% dos brasileiros tenham acesso a conexões rápidas. O número é inferior ao da Argentina (7,99%), Chile (8,49%) e México (7%). Entre os motivos elencados para o atraso estão problemas institucionais, de infraestrutura e as dimensões territoriais do país, que dificultam a instalação, por exemplo, de uma grande rede de banda larga.<sup>12</sup>

Neste panorama, na região Norte, onde está localizada Vilhena, somente 19% dos domicílios dispõem de computador (CGI, 2009, p.225). Ainda, é registrada uma das menores taxas de inclusão digital do país, onde a proporção de domicílios com acesso à internet é de 10%. (CGI, 2009, p. 228). Aliado a isso, ao longo da última década, a Organização das Nações Unidas (ONU), vêm priorizando o uso tecnologias da informação e comunicação e as coloca no patamar de facilitadoras de avanços sociais, de acordo com seu Relatório Anual de Desenvolvimento Humano. A utilização do computador e o acesso à internet, presente no cotidiano de pequena parcela da população vilhenense, em contraposição com as estatísticas que revelam a importância da “mídia” internet nas informações acerca da cidade e região e o número de sites que se propõem a oferecer esse conteúdo, emergem como instigante paradoxo neste contexto.

### **Práticas jornalísticas no universo online: considerações preliminares**

Questões referentes ao jornalismo praticado na internet, intitulado como jornalismo digital, jornalismo online ou webjornalismo, entre outras que porventura possam existir, devem ser tratadas a fim de que se reflita a respeito do que é considerado como prática de jornalismo quando se abre aos olhos do investigador um panorama de sites, como exposto anteriormente, que se intitulam provedores exclusivos de notícias de uma cidade.

---

<sup>12</sup> Informações contidas no texto “Exclusão digital pode prejudicar economia brasileira, dizem especialistas”. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100316\\_brasil\\_impacto\\_para\\_cluster\\_cq.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100316_brasil_impacto_para_cluster_cq.shtml)>. Acesso em 18 janeiro 2011.



Na lembrança, ainda, de que as práticas e rotinas nas redações jornalísticas da “era analógica”, ou anteriores à internet compartilhada, são realizadas rotineiramente na “era digital”, ou da internet compartilhada e popularizada, mesmo que em parte, na lembrança de que a exclusão digital ainda é fato recorrente na contemporaneidade. Franco reitera essa característica:

Muitos dos nossos websites na América Latina, grandes e pequenos, associados a meios de comunicação tradicionais ou independentes, seguem presos ao mundo impresso, mesmo quando sequer nasceram nele. Este, talvez, seja um bom começo para criar algo novo na Internet. (2010, p. 11)

Quando se divide as práticas jornalísticas entre aquelas realizadas no mundo impresso, “analógico”, sendo esse termo entre aspas ao se considerar que o processo de realização de um jornal impresso, na atualidade, depende e muito do sistema informacional proporcionado pela tecnologia informática (na realização dos textos jornalísticos, diagramação, edição e impressão dos exemplares, por exemplo) e aquelas realizadas no universo online, nas chamadas “plataformas de comunicação”, diferenças no estilo da captação de notícias, entretanto, devem aparecer, ou ao menos são elencadas por Machado:

Sem a necessidade da presença dos jornalistas no local, a redação do jornal digital ocupa o lugar de um centro de gravidade para onde converge o fluxo de matérias enviadas pelos profissionais, colaboradores e usuários do sistema. Em vez da divisão em editorias específicas como ocorre no jornalismo convencional nas redações digitais os membros da publicação são dispostos de forma mais livre para facilitar o trabalho em torno de uma temática comum. (2003, p.7)

Para Pinho (2003, p. 49), a não linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e a possibilidade de receptor ativo são os dez aspectos que diferenciam os meios de comunicação “tradicionais”- televisão, rádio, cinema (cinejornalismo), jornal e revista – do jornalismo praticado na internet.

Dentre os inúmeros autores que celebram as potencialidades de possibilidades que podem se tornar realidades na internet, o autor faz interessante contribuição na significação de tal avanço tecnológico e, como de praxe àqueles com visões mais positivas, avanço das práticas jornalísticas, que merece ser exposta:



A entrada de jornais e revistas na Internet inaugura um novo veículo de comunicação que reúne características de todas as outras mídias e que tem como suporte as redes mundiais de computadores. O jornalismo digital representa uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias. O papel (átomos) vai cedendo lugar a impulsos eletrônicos (bits) que podem viajar a grandes velocidades pelas auto-estradas da informação. Estes bits podem ser atualizados instantaneamente na tela do computador, na forma de textos, gráficos, imagens, animações, áudio e vídeo; recursos multimídia que estão ampliando as possibilidades da mídia impressa. (PINHO, 2003, p. 115)

Destaca-se, ainda, segundo o autor, que “um site web, por exemplo, está disponível 24 horas por dia, sete dias por semana e 365 dias por ano” (PINHO, 2003, p.9). Entretanto, segundo mapeamento exploratório realizado, essas características parecem não ocorrer no grupo de sites encontrados até o momento. Os sites apresentam uma maioria de textos disponibilizados por assessorias de comunicação, que por vezes são publicados igualmente, sem diferenças textuais nem de correção ortográfica. Também sem utilização de recursos multimídia, com exceção de fotografias e grande quantidade de anúncios publicitários.

Ainda, importa ressaltar que, em função dessa problemática, será construído um roteiro de perguntas a serem realizadas presencialmente, aliadas ao *newsmaking*, na observação das rotinas de produção e trabalho, na tentativa de captar, metodologicamente, a rotina dos sites estudados, na constatação e construção do panorama de práticas jornalísticas realizadas nessas redações.

Apesar de que, no âmbito da internet, o discurso mais praticado seja de que não existam fronteiras, ou seja, que o mundo está conectado e interconectado sabe-se que, além da precariedade da rede mundial de computadores em um país como o Brasil, aspectos do lugar, na realidade concreta em que se está, são marcantes e ressignificados no universo online (BARTH; FRAGOSO; REBS, 2010). E na realização, na concepção desse trabalho, de informações jornalísticas.

Importante ressaltar que a falta de profissionalização entre aqueles que se autointitulam jornalistas no país, amplia-se no contexto de um estado como Rondônia, onde não há números oficiais de quantas pessoas atuam na área, contando com uma organização coletiva de classe e apenas três instituições de ensino superior que oferecem cursos de Jornalismo.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> A entidade de classe é o Sindicato dos Jornalistas de Rondônia. Disponível em: [www.sinjor.org.br](http://www.sinjor.org.br). As instituições de ensino que oferecem cursos de Jornalismo são a União das Escolas Superiores de Rondônia (UNIRON), em Porto Velho; Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Ji-Paraná e o curso da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no campus de Vilhena.





Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho no ano de 2010,<sup>14</sup> demonstram que Rondônia está entre os cinco brasileiros que mais registraram jornalistas sem diploma, juntamente com Acre, Mato Grosso, Piauí e Roraima. Segundo esse levantamento, 18 pessoas obtiveram registro profissional com diploma de graduação e outras 37, através de decisão judicial no Supremo Tribunal Federal.

Deve-se atentar ao fato de que, ainda, como é lembrado por Barbalho; Freitas; Mattos, ao fazer referência a região Norte do país e a Amazônia:

[...] tanto nas políticas públicas quanto na lógica do mercado, a região é tratada simplesmente como objeto de lucro e interesses privados, mesmo que seja por uma reutilização das velhas argumentações inseridas no binômio ‘desenvolvimento e integração’: uma região sem cidades, sem homens e sem mulheres. (2009, p. 134)

Questão aliada na ideia de que o território onde está localizado o estado de Rondônia, no contexto da Amazônia, seja a sua parcela que guarda “a maior amplitude de características, tanto ambientais quanto humanas. Esta diversidade, por sua vez, está calcada no intenso processo de formação territorial pelo qual passou historicamente o estado”. (SOUZA; GROSSI, 2010, p. 128).

De qualquer forma, uma semelhança com a idealização ética presente na rotina do jornalismo praticado na era analógica também deve ser considerada no âmbito online, como bem lembra Martinez:

O jornalismo on-line não eliminou os fundamentos do jornalismo escrito. Fatos ainda devem ser checados mais de uma vez, a escrita tem que ser clara e fluida, as matérias devem incluir o contexto e, obviamente, as práticas éticas que norteiam a profissão devem ser seguidas. (2007, p. 27)

## **Considerações finais**

Este artigo propôs reflexões teóricas considerando a prática do jornalismo na internet, a comunicação na cibercultura e imaginários sociais, e levou em consideração análises preliminares de investigação em andamento referida anteriormente, a qual se

---

<sup>14</sup> Ver na matéria “Registro na área: Em 2010, cinco estados do Brasil registraram mais jornalistas sem diploma”. Disponível em: <<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D57461%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D40847239449%26fnt%3Dfntnl>>. Acesso em: 20 janeiro 2011.



orienta no mapeamento e análise do conteúdo de sites que oferecem sentidos e conteúdos destinados ao público de leitores de Vilhena e região.

A partir do enfoque na produção noticiosa realizada e exposta nesses espaços online e, para além dessa perspectiva, o entendimento dos imaginários criados do produtor/leitor do conteúdo oferecido constituem-se nos alicerces da pesquisa até o momento. Importa lembrar, sobretudo, o caráter de ineditismo desse tipo de investigação acadêmica em comunicação, especificamente no campus de Vilhena, no contexto de aplicação não apenas local, considerando, ainda o estado de Rondônia e a região Norte do Brasil.

Este artigo propôs, dessa forma, a exposição de questões inerentes a essa pesquisa, problematizando o jornalismo praticado na internet ou, ao menos, a sua idealização visto que, no contexto da área de abrangência da pesquisa em andamento, características priorizadas no que tange à teoria, na prática, ocorrem de maneira descontextualizada ou inexistente.

A comunicação na cibercultura e a internet entendida como mídia preconizam a construção e manutenção de imaginários sociais, tanto no sentido do conteúdo dos sites pesquisados como da própria concepção da internet e, especificamente, desses mesmos sites, como espaços exclusivos de notícias do município e da região, o que corrobora em lacunas informacionais no cotidiano e na função social que a internet como mídia, deveria preencher.

### **Referências bibliográficas**

BARBALHO, Alexandre; FREITAS, Ana Paula; MATTOS, Fabrício de. Políticas de Comunicação na Amazônia: entre o Estado e o mercado. Em: **O Público e o privado**. Fortaleza: UECE, ano 7, n. 14, Julho/Dezembro, 2009.

BARTH, Daiani L. **Internet, imaginário e migrantes brasileiras**: o sonho de morar na Europa visto do site [www.midiamigra.com.br](http://www.midiamigra.com.br). 2006. 108 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2006.

\_\_\_\_\_; FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca R. (2010) Territorialidades Virtuais - identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. Em **Anais 19ª Compós - Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Rio de Janeiro: 19a Compós.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991



CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CGI. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2009. Coordenação Alexandre F. Barbosa. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2010. Disponível em: <<http://www.cgi.br>>. Acesso em 9 fevereiro 2011.

COBO ROMANÍ, Cristóbal; PARDO KUKLINSKI, Hugo. 2007. **Planeta Web 2.0**. Inteligencia colectiva o medios fast food. Grup de Recerca d'Interaccions Digitals, Universitat de Vic. Flacso México. Barcelona / México DF.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. Tradução: Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DRUETTA, Delia Covi. Internet, a aposta na diversidade. Trad.: Jully Denise Rodrigues. Em: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy (orgs.). **A Internet na América Latina**. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: Sulina, 2009. p.41-58.

FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy. Panorama da Internet na América Latina. Em: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy (orgs.). **A Internet na América Latina**. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: Sulina, 2009. p.13-39.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web**: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online. Trad. Marcelo Soares. E-book disponível em: <[http://knightcenter.utexas.edu/como\\_web.php](http://knightcenter.utexas.edu/como_web.php)>. Acesso em: 10 novembro 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>> Acesso em: 09 fevereiro 2011.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução: Maria Luísa X. de A Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In.: LEMOS, André, CUNHA, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.



MARCONDES FILHO, Ciro. “A sociedade mediatizada não é uma sociedade feliz”. **IHU On-Line** [São Leopoldo], 9 abril 2011. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=42228](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=42228)>. Acesso em: 19 abril 2011.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**. Lima: FELAFACS, n. 56, 1999. p. 80-90.

MARTINEZ, Adriana Garcia. **A construção da notícia em tempo real**. In FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINIWATTS MARKETING GROUP. **Internet World Stats: usage and population statistics**. 2008. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 16 novembro 2010

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PINHO, J. B. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de.; GROSSI, Suely Regina Del. A regionalização do espaço amazônico: o caso de Rondônia. Em: **Revista da Católica**. Uberlândia, MG. Vol. 2, n. 3, 2010. Disponível em <<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica/artigosv2n3/10-Geografia.pdf>>. Acesso em 4 fevereiro 2011.

TAYLOR, Charles. **Imaginarios sociales modernos**. Tradução: Ramon Vilà Vernis. Barcelona: Paidós, 2006.

TRIVINHO, Eugênio. Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática. In: FRAGOSO, Suely, FRAGA, Dinorá (orgs.). **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

Sites consultados:

Instituto Rondoniense de Pesquisa e Estatística (IRPE): <http://www.irpe-ro.com.br/>

Organização das Nações Unidas no Brasil: <http://www.onu-brasil.org.br/>

Wikipedia: <http://www.wikipedia.org/>